

## **PASSING: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO DECOLONIAL SOBRE IDENTIDADE E EMBRANQUECIMENTO**

*Sophia Bicudo Passos da Fonseca*

*Francirosy Campos Barbosa*

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil

### **RESUMO**

A análise fílmica e a antropologia visual constituem-se como maneiras de abordar produções cinematográficas de modo a promover uma compreensão ampliada de fenômenos vivenciados por grupos sociais. Nesse panorama, o filme norte-americano *Passing*, de Rebecca Hall, lançado em 2021 e inspirado no romance *Passing*, de Nella Larsen, publicado em 1929, pode proporcionar uma interpretação da realidade devido a retratar a história de Clare Bellew e de Irene Redfield abordando questões relativas à identidade e ao embranquecimento de maneira sensível às percepções que ambas têm sobre os mesmos. Tendo isso em mente, através de um olhar decolonial, esse artigo analisou cenas dessa produção cinematográfica, assim como as personagens supracitadas, com o objetivo de compreender suas percepções sobre identidade e embranquecimento.

**Palavras-chave:** Passing; Identidade; Raça; Decolonial.

### **PASSING: A DECOLONIAL ANTHROPOLOGICAL LOOK AT IDENTITY AND WHITENING**

#### **ABSTRACT**

Film analysis and visual anthropology constitute ways of approaching cinematographic productions in order to promote a broader understanding of phenomena experienced by social groups. In this scenario, the American film “Passing”, by Rebecca Hall, released in 2021 and inspired in the novel “Passing”, by Nella Larsen, published in 1929, can provide an interpretation of reality due to portraying the story of Clare Bellew and Irene Redfield approaching questions related to identity and whitening in a sensitive way to the perceptions that both have about them. Bearing this in mind, through a decolonial perspective, this article analyzed scenes from this film production, as well as the aforementioned characters, in order to understand their perceptions about identity and whitening.

**Keywords:** Passing; Identity; Race; Decolonial.

### **PASSING: UNA MIRADA ANTROPOLÓGICA DECOLONIAL SOBRE LA IDENTIDAD Y EL BLANQUEAMIENTO**

#### **RESUMEN**

El análisis fílmico y la antropología visual constituyen formas de abordar las producciones cinematográficas con el fin de promover una comprensión más amplia de los fenómenos vividos por los grupos sociales. En este escenario, la película estadounidense *Passing*, de Rebecca Hall, estrenada en 2021 e inspirada en la novela *Passing*, de Nella Larsen, publicada en 1929, puede

ofrecer una interpretación de la realidad al retratar la historia de Clare Bellew e Irene Redfield abordando cuestiones relacionados con la identidad y el blanqueamiento de manera sensible a las percepciones que ambos tienen sobre ellos. Teniendo esto en cuenta, a través de una perspectiva decolonial, este artículo analizó escenas de esta producción cinematográfica, así como de los personajes antes mencionados, con el fin de comprender sus percepciones sobre la identidad y el blanqueamiento.

**Palabras clave:** *Passing*; Identidad; Raza; Decolonial

Clare Bellew: "I'm asking if you ever thought of passing, Rene" [Nunca pensou em se passar por branca?]

"Sem relações de diferença, não haveria representação."  
(Hall, 2006, p. 28)

Este artigo é fruto das primeiras reflexões que surgem a partir da pesquisa de Iniciação Científica que estamos realizando, na qual os objetivos são analisar as personagens Irene Redfield e Clare Bellew da produção cinematográfica *Passing*, adaptação do romance de mesmo nome da escritora Nella Larsen, assim como cenas desse filme, através de um olhar antropológico decolonial visando compreender algumas das percepções das personagens negras Irene Redfield e Clare Bellew sobre identidade e embranquecimento. Tendo em mente que, os feminismos decoloniais combatem a colonialidade do poder que, atuando nas fronteiras, propicia a emergência de uma epistemologia dos sujeitos subalternizados e, assim, contra-hegemônica (i.e., decolonial) (Bernardino-Costa & Grosfoguel, 2016; Vergès, 2020), as propostas decoloniais permitem uma análise sensível à percepção e à experiência de pessoas que não se enquadram na categoria, supostamente neutra, do homem branco cisgênero heterossexual de primeiro mundo e, por essa razão, possibilitam uma investigação ampla e plural das realidades. Assim, neste texto buscamos evidenciar a (re)formação das identidades de Irene Redfield e Clare Bellew, nos aspectos relativos a gênero e raça, enfocando o fenômeno de "passar-se" por branca e, nesse sentido, identidade e o embranquecimento através do olhar antropológico decolonial.

Nascida em 1891, Nella Larsen - uma das escritoras mais influentes do movimento cultural *Harlem Renaissance* - publicou em 1928 *Quicksand* e, em 1929, o romance *Passing*, os quais se tornaram populares e receberam elogios da crítica literária da época (Larsen, 2020; Nunes, 2018). Em 2021, o longa-metragem *Passing* ("Identidade", na tradução brasileira), adaptação do romance da escritora afro-americana de mesmo nome, foi escrito, produzido e dirigido por Rebecca Hall. Celebrado pela crítica cinematográfica, este filme em preto e branco retrata a região do Harlem, em Nova York, na década de 1920 e, principalmente, as personagens Irene Redfield, Clare Bellew, Brian Redfield e John Bellew, perpassando identidade, poder, raça, embranquecimento, gênero e sexualidade.

Segundo Stuart Hall (2006; 2020; 2021), as identidades, sujeitas a uma historização radical e em constante processo de mudança, são, na modernidade tardia, fragmentárias, fraturadas e multiplamente construídas nos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. Construídas no interior de um campo fantasmático através da narrativização do "eu", devido ao fato de emergirem dentro de modalidades específicas de poder, são produtos da marcação da diferença e da exclusão (Hall, 2020; Hall, 2021; Moraes, 2019; Silva, 2021). Além disso, as identidades, pontos de apego temporários, mudam "de acordo com a forma como

o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (Hall, 2020, p. 16).

Desse modo, as identidades, não singulares e não imutáveis/permanentes, estão emaranhadas no período histórico-temporal, assim como em sociedades e culturas específicas, sendo mais um *tornar-se* do que um *ser* (Hall, 2006; Moraes, 2019). Ademais, não são independentes do poder; ao contrário, as identidades estão intimamente relacionadas com este, de tal modo que, a fim de compreendê-las, se faz importante analisar a estrutura e as formas de poder.

De acordo com Michel Foucault (2021; 2022a; 2022b), o poder disciplinar, tornado invisível a fim de operar, produz realidade, campos de saber e rituais de verdade, e só existe em ação (i.e., sendo exercido). Funcionando através de uma economia calculada e permanente, estabelece o princípio de visibilidade obrigatória e têm por sua maior função “adestrar” para retirar e se apropriar de maneira mais eficaz e eficiente dos indivíduos (Del Valle, 2018; Foucault, 2021; Foucault, 2022a; Rosa, 2017; Sousa & Meneses, 2010). Tendo a norma como princípio de coerção, o poder disciplinar obriga à homogeneidade enquanto individualiza “por ‘desvios’ mais que por proezas” (Foucault, 2021, p. 188). Assim, poder-saber estão vinculados, de tal maneira que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (Foucault, 2022a, p. 51). Nesse sentido, a fim de compreender as dicotomias normal/anormal, homem/mulher, branco/não-branco, é preciso refletir acerca do poder que cria, não somente essas categorias (i.e., normalidade, raça, sexo), como também a relação de contradição que as sustenta.

A raça é “uma categoria discursiva, não uma categoria biológica” (Hall, 2020, p. 37): os colonizadores escolheram a característica visual da cor da pele a fim de criar um marcador da diferença e excluir pessoas pretas de direitos (e.g., liberdade, propriedade privada), justificando violências sistemáticas (Collins, 2019; Fanon, 2020; Gonzales, 2020; Munanga, 2020). Nessa perspectiva, a raça é um efeito do poder, aparecendo não apenas na linguagem, mas também nas ações dos indivíduos. Além disso, apesar de estar localizada “dentro” dos discursos, é (re)feita como se estivesse “fora” destes.

Ademais, a raça é simbolizada por meio de “imagens de controle”, tais quais a *mammy*, matriarca, dama negra e a *hoochie* (Collins, 2019) - estereótipos históricos que, inferiorizando a população negra, contribuem para a perpetuação de violências pautadas no preconceito ao fornecer uma justificativa à manutenção do atual sistema de dominação. Dessa forma, a raça é imposta em corpos com cores de pele específicas através de marcadores visuais (e.g., cabelo cacheado), ainda que de maneiras diferentes dependendo do sexo-gênero-sexualidade-etc. das pessoas (Collins & Bilge, 2021; hooks, 2020; Munanga, 2020). Isso ocorre de modo que a coloração branca, por vezes, é percebida como sinônimo de normal/bom ao invés de ser interpretada como uma marca racial, de tal forma que as cores não-brancas são (re)feitas como a raça, uma característica biológica que embasaria a diferenciação e exclusão de alguns indivíduos, (em vez de *uma* raça).

Nessa perspectiva, “passar-se” (*passing*) carregaria o duplo significado de “cruzar a linha da cor e a linha da vida: passar-se pelo que não se é como uma espécie de passagem para a outra vida” (Butler, 2020, p. 308), tendo em vista que, na história de Nella Larsen, o que se qualifica como:

Marcação visível, é uma questão de poder ler um corpo marcado em relação a corpos sem marcação, em âmbito que os corpos sem marcação constituem a moeda corrente da branquitude normativa. (Butler, 2020, p. 286)

Desse modo, “passar-se” é cruzar a fronteira entre as dicotomias normal/anormal, branco/não-branco, sofrer de maneiras diversas os efeitos do poder e alterar o olhar dos

espectadores (i.e., outros personagens e espectadores) sobre si. Além disso, como a identidade “muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (Hall, 2020, p. 16), “passar-se” implica assumir múltiplas identidades cambiantes (i.e., fragmentárias e inconstantes), as quais são interpeladas por diferentes marcadores da diferença (e.g., sexo, gênero, sexualidade).

Ademais, construção que normalmente oculta sua gênese (ilusão de essência), o gênero é sempre um feito (i.e., um ato), um estilo corporal, com caráter performativo e repetitivo, realizado dentro de uma estrutura reguladora altamente rígida e, desse modo, apoiada em sanções sociais e tabus (Butler, 2019; 2020; 2022). Assim, o gênero é um *devoir*, sendo que seu caráter flutuante “deve ser qualificado como um jogo *entre* a psique e a aparência (em que essa última inclui o que aparece *nas palavras*)” (Butler, 2020, p. 387). Dessa forma, a feminilidade “não é o produto de uma escolha, mas a citação forçada de uma norma” (Butler, 2020, p. 384). Nesse sentido, as dicotomias baseadas nas categorias de “sexo” e gênero - homem/mulher, masculino/feminino - são efeitos do poder disciplinar que individualiza por ‘desvios’ a partir da referência (i.e., da norma), de tal maneira que não há uma escolha, mas sim uma imposição repetida sobre os corpos (Butler, 2020).

Para além disso, visando promover uma convivência intercultural e pluriversal, rejeitando narrativas universais, engajadas com diversas formas de ser e saber, as propostas decoloniais oferecem uma maneira crítica de pensar as especificidades históricas e políticas das sociedades (Araújo & Mattos, 2017; Costa, 2020; Curiel, 2020). Nesse sentido, os feminismos decoloniais possibilitam uma perspectiva de análise para compreendermos de forma mais complexa as relações, entrelaçamentos e intersecções entre as categorias “raça” - “gênero” - “sexualidade” - etc., por meio de uma epistemologia de fronteira, colocando conhecimentos historicamente marginalizados no centro (Bernardino-Costa & Grosfoguel, 2016; Curiel, 2020; Figueiredo, 2020; Jardim & Cavas, 2017; Santos, 2019; Vergès, 2020).

### **PASSAR-SE: (RE)TRANSITORIEDADE PERFORMÁTICA**

Irene Redfield: “We're all of us passing for something or other” [todo mundo se passa por alguma coisa]

O negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito de outra maneira, se a sociedade lhe cria dificuldades em razão de sua cor, se constato em meus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a ‘manter distância’; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de *escolher* a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual – isto é, diante das estruturas sociais. (Fanon, 2020, p. 114)

A formação da identidade, processo de produção em “discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (Hall, 2021, p. 108) sujeito as relações de poder, é dependente da diferença estruturada em oposições binárias (e.g., homem/mulher, branco/não-branco, heterossexual/*queer*), nas quais um dos binarismos (e.g., homem) (re)recebe um maior valor comparativamente (Hall, 2020; Hall, 2006; Silva, 2021; Woodward, 2021). Desse modo, a personagem Clare Bellew ao “passar-se” por branca (i.e., embranquecer-se através de repetitivos atos performativos), posiciona-se de maneira *instável* na parte mais valorizada da oposição binária branco/não-branco, (re)construindo uma identidade respaldada na representação da branquitude e da feminilidade vigentes na década de 1920 na cidade de Nova

York, na qual sua corporeidade (i.e., cor da pele, sexo designado no nascimento) são (re)significados de modo performático nas relações, tanto na comunidade negra do Harlem, quanto no âmbito conjugal. Assim, Clare Bellew *torna-se* branca e negra por meio de recursos linguísticos e culturais, transitando de maneira cambiante por essas formas identitárias dicotomizadas que são pontos de apego temporários (Hall, 2021; Hall, 2020). Nessa perspectiva, enquanto Clare Bellew posiciona-se como branca para seu marido (John Bellew), Irene Redfield a coloca como negra no diálogo com Hugh ao dizer “Things aren’t always what they seem, Hugh [...] Nobody could tell from looking at her” [As coisas nem sempre são o que parecem, Hugh [...] Ninguém poderia dizer olhando para ela]. Assim, há uma instabilidade na identidade; a depender das relações e, dessa maneira, do contexto, essa pode mudar e uma dependência dessa do poder e, nessa perspectiva, da norma vigente (e.g., ideal de feminilidade).

Além disso, a identidade de ambas as personagens é (re)construída dentro do discurso localizado predominantemente na região do Harlem, de Nova York, dos Estados Unidos da década de 1920. Logo, em “loais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall, 2021, p. 109), podendo ser ganhada ou perdida (i.e., não há uma identificação automática) (Hall, 2020). Dessa forma, ao passo que Irene Redfield se (re)faz identitariamente como uma mulher-negra através da instituição da casa (i.e., assumindo o papel de dona de casa) e do comitê de organização do baile da Liga pelo Bem-Estar dos Negros, essa personagem é feita como uma pessoa com senso ético e responsável por Clare Bellew no momento em que essa afirma “I don’t have proper morals or a sense of duty like you” [Eu não tenho senso de ética nem de dever como você] e como uma esposa não dedicada por Brian Redfield quando este afirma que “I’m just getting a little tired of playing second fiddle to your precious Negro League, that’s all” [Só estou cansado de sempre ficar em segundo plano em relação à sua querida Liga dos Negros]. Nesse sentido, a formação identitária - processo de produção por meio de atos performativos repetitivos - se dá nas relações “eu”-“eu” e “eu”-Outro, as quais são perpassadas pelo poder disciplinar que produz uma realidade racializada, de tal modo que, de acordo com a percepção dos personagens e dos espectadores, Irene Redfield transita entre a posição normativa de feminilidade (i.e., esposa dedicada e responsável) e um de seus opostos (i.e., esposa e mãe não engajada suficientemente com a família nuclear), assim como Clare Bellew transita entre a identificação com a branquitude (acentuada, principalmente, no início do filme) e com a negritude (mais marcada no findar dessa produção cinematográfica), fenômeno expresso no desejo em se mudar para o Harlem no final do filme.

Nesse cenário, a fala de Irene Redfield “It’s easy for a Negro to pass for white. I’m not sure it would be so simple for a white person to pass for colored [Hugh: Never thought of that] No, Hugh. Why should you?” [É fácil para um negro passar por branco. Não tenho certeza se seria tão simples para uma pessoa branca passar por negra [Hugh: Nunca pensei nisso] Não, Hugh. Por que você pensaria?] evoca as relações de poder que estão envolvidas no ato de “passar-se” em uma sociedade, isto é, “comunidade simbólica” (Hall, 2020), na qual diversos benefícios são sistematicamente concedidos às pessoas brancas e, de modo concomitante, negados às pessoas negras (e.g., garantia de proteção e segurança). Assim, “passar-se” (i.e., embranquecer-se) implica transitar entre locais identitários e, nesse sentido, discursos e posições de poder, de modo que “querer ser branco” (Fanon, 2020) diz respeito a querer usufruir dos direitos humanos historicamente negados através de dispositivos legais (e.g., legislação racista) e sociais (e.g., racismo sistemático não criminalizado), e não querer portar uma quantidade específica de melanina.

Assim, quando Irene Redfield expressa a Clare Bellew sua preocupação em relação a esta frequentar o Harlem dizendo “I can’t help thinking that you ought not to, ought not to come up here [...] you ought not run the risk. It’s *terribly foolish*. You must see that, and, well *just*

*not the right thing*” [Fico pensando que você não deveria. Não deveria vir aqui [...] Você não deveria se arriscar. É muita tolice, você sabe disso, e não é o certo], o perigo evidenciado pela personagem refere-se à identificação com a negritude, tendo em vista que John Bellew não sabia que sua esposa era negra e, para além disso, aos riscos de apresentar uma identidade negra em um momento sócio-histórico e cultural marcado pelo racismo, machismo e, desse modo, por uma hierarquia na qual as mulheres brancas usufruíam de privilégios se comparadas às mulheres negras de classe social e sexualidade similares.

Tendo em vista esse cenário, tanto Irene Redfield, quanto Clare Bellew, são posicionadas e se posicionam de maneira relacional, fluida e performática, dentro de discursos marcados pelo contexto sócio-histórico e cultural do Harlem da década de 1920, de tal modo que, ao “passarem-se”, transitam nas fronteiras identitárias referentes ao aspecto racial. Além disso, essa (re)construção identitária do “eu” e do Outro se dá de maneira emaranhada: Irene Redfield engendra sua identidade em um processo dialético com a sua percepção da identidade de Clare Bellew, e vice-versa; não por meio de uma oposição (e.g., “eu” *versus* ela), mas sim através de posicionamentos em um *continuum* com os polos de diferença e de similaridade. Assim, em uma (re)transitoriedade performática, as personagens “passam-se”, ora percebendo semelhanças entre si, ora diferenças, como mostra a fala de Clare Bellew dirigida a Irene Redfield: “Don’t you realize? I’m not like you one bit” [Não percebe? Sou muito diferente de você].

Importante destacar, no entanto que a percepção da identidade dessas personagens depende do recorte escolhido (i.e., contexto, personagens presentes na cena e citados no decorrer dessa, ambiente, iluminação, enfoque da câmera) e do espectador, posto que esse também constrói a imagem (Aumont, 2006), de modo que não é possível apreender uma percepção única/universal/certa a respeito da identidade das personagens, mas sim percepções locais e particulares. Por essa razão, o presente artigo constrói apenas *um* olhar, dentre outros possíveis, acerca das identidades de Irene Redfield e Clare Bellew enfocando aspectos referentes as categorias de raça e de gênero.

## UMA CONCLUSÃO: OLHARES ONDULANTES

Por se tratar de primeiros olhares ao filme *Passing* (“Identidade”) não temos como intenção concluir, mas sim, trazer algumas perspectivas iniciais que destacam as identidades dessas personagens em meio ao fenômeno do “passar-se” e das relações de poder desse momento histórico-temporal e, assim, as percepções da (re)formação identitária que têm uma relativamente à outra.

Dessa maneira, o “passar-se” – compreendido por nós, transita entre formas identitárias e representações - é feito dependente do contexto relacional e do poder disciplinar, o qual objetiva ‘adestrar’ os corpos, de modo que o querer ser branca, no início do filme, de Clare Bellew envolvia o desejo de ser percebida como a parte mais valorizada na oposição branco/não-branco e, desse modo, não ser desumanizada, mas sim portadora de direitos assegurados somente às pessoas brancas naquele período. Dessa forma, surpresa do personagem branco Hugh quanto a possibilidade de uma pessoa branca “passar-se” por negra ocorre devido a esse fenômeno estar vinculado a tentativas de ascensão na hierarquia social instaurada e mantida na sociedade norte-americana da década de 1920. Assim, “passar-se” envolve uma alteração dos olhares e, nessa perspectiva, das percepções do “eu” e do Outro.

Nesse sentido, as identidades de Irene Redfield e Clare Bellew são perpassadas por marcadores da diferença (e.g., “raça”, “gênero”) e dependentes do(s) olhar(es). Além disso, implicam *escolhas*, as quais estão dentro do discurso e da cultura, e uma repetição de atos performáticos, de tal maneira que não há uma identificação automática, única e imutável, mas

sim um jogo de representações que requerem um intercâmbio entre *psique* e aparência em um contexto relacional (“eu”-“eu” e “eu”-Outro).

Por fim, nosso exercício de olhar posicionado na perspectiva decolonial é uma das formas encontradas para uma agenda de desconstrução e problematização do epistemicídio negro pautado na exclusão colonial presente no cinema e em outras formas de representação. O cinema nos traz elementos para pensarmos o racismo estrutural e suas fontes e isso não é diferente em *Passing*.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, F. P., & Mattos, M. F. (2016). Descolonizar os feminismos latino americanos e caribenhos: Uma perspectiva decolonial das teorias sobre gênero, sexualidade e raça. *Revista Três Pontos*, 13(1), 21-26. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3387>
- Aumont, J. (2006). *A Imagem*. Papirus.
- Bernardino-Costa, J., & Grosfoguel, R. (2016). Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, 31, 15-24. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>
- Butler, J. (2022). *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2020). *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”*. n-1 edições
- Butler, J. (2019). Atos performáticos e a formação dos gêneros: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In H. B. D. Hollanda (Org.), *Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais* (pp. 213-230). Bazar do Tempo.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento Feminista Negro*. Boitempo.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Costa, C. D. L. (2020). Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In H. B. B. Hollanda (Org.), *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais* (pp. 320-341). Bazar do Tempo.
- Curiel, O. (2020). Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In H. B. D., Hollanda (Org.). *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. (pp. 120-138). Bazar do Tempo.
- Del Valle, S. (2018). O conceito de poder disciplinar no pensamento de Michel Foucault. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*, 18(3), 249-258. <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/14724/11218>
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora.
- Figueiredo, A. (2020). Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e Argumento*, 12(29), 1-24. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>
- Foucault, M. (2021). *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Foucault, M. (2022a). *Microfísica do Poder*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2022b). *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*. Paz e Terra.
- Gonzales, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Zahar.
- Hall, S. (2006). Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, n. 1, p. 21-35. [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Identidade+e+di%C3%A1spora+Hall&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Identidade+e+di%C3%A1spora+Hall&btnG=)
- Hall, S. (2020). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Lamparina.
- Hall, S. (2021). Quem precisa de identidade? In T. T. Silva (Org.), *Identidade diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Vozes.
- hooks, b. (2020). *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*. Rosa dos Tempos.
- Jardim, G. D. S., & Cavas, C. D. S. T. (2017). Pós-colonialismo e feminismo decolonial: Caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, 22, 73-91. <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2017i22p73-91>

- Larsen, N. (2020). *Identidade*. Harper Collins.
- Moraes, M. L. B. (2019). Stuart Hall: Cultura, identidade e representação. *Revista Educar Mais*, 3(2), 167-172. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>
- Munanga, K. (2009). *Negritude: Usos e sentidos*. Autêntica.
- Nunes, R. (2018). “Truth was, she was curious”: Identidade e raça em Passing, de Nella Larsen. *Travessias Interativas*, 16, 547-557. <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10309>
- Rosa, T. B. (2017). O poder em Bourdieu e Foucault: Considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. *Revista Sem Aspas*, 03-12. <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>
- Santos, M. F. V. (2020). O feminismo terceiro mundista: O feminismo decolonial das mulheres de cor da América Latina. <https://integri.com.br/trabalhos-apresentados/eririo-2020/o-feminismo-terceiro-mundista-o-feminismo-decolonial-das-mulheres-de-cor-da-america-latina/>
- Silva, M. P. (2007). Questionamentos acerca dos conceitos fundamentais de globalização, identidade e pós-modernidade a partir da obra de Stuart Hall. *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, 4(1), 01-04. <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/774>
- Silva, T. T. D. (2021). A produção social da identidade e da diferença. In T. T. Silva (Org.), *Identidade diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (73-102). Vozes.
- Sousa, N. C., & Meneses, A. B. N. T. (2010). O poder disciplinar: Uma leitura em Vigiar e Punir. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*, 4. <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/561>
- Vergès, F. (2021). *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora.
- Woodward, K. (2021). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Org.), *Identidade diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (103-133). Vozes.

*Recebido: 09/05/2023*  
*Aprovado: 15/06/2023*

### **Agradecimentos:**

Este estudo é resultado parcial da Iniciação Científica “Identidade: Um olhar antropológico decolonial acerca das percepções de mulheres negras sobre identidade e embranquecimento”, em desenvolvimento pela primeira autora, sob a orientação da segunda, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP número 2022/01531-9).

### **Sobre as autoras:**

**Sophia Bicudo Passos da Fonseca** é graduanda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

**Francirosy Campos Barbosa** é professora associada do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Programa de Pós-graduação em

Antropologia/USP, coordenadora do GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes, pós-doutora pela Universidade de Oxford.

**Correspondência:** [sophiabicudo@usp.br](mailto:sophiabicudo@usp.br); [franci@ffclrp.usp.br](mailto:franci@ffclrp.usp.br)